

Arycurana, um romance-folhetim indianista

Moisés Santos Souza*

O escritor Constantino José Gomes de Souza nasceu em 18 de setembro de 1825 na pequena povoação de Estância, província de Sergipe. Além de romancista, foi médico, dramaturgo, censor teatral, redator e poeta. Entre os anos de 1844 a 1849 viveu na Bahia e depois residiu no Rio de Janeiro por 28 anos, até falecer de congestão pulmonar em 2 de setembro de 1877, com apenas 51 anos de idade. Foi sepultado, naquele mesmo ano, no cemitério da corte, o São João Batista (1). Ele escreveu cinco romances entre os anos de 1871 e 1877.

Arycurana foi o quarto romance escrito por Constantino e pertence a corrente indianista do romantismo brasileiro, mesmo gênero das obras alencarianas *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). Filia-se a elas na forma e no conteúdo, principalmente em forjar uma identidade nacional a partir da idealização do nativo indígena.

Os vinte capítulos do romance Arycurana foram publicados como folhetim no periódico fluminense *Semana Ilustrada*, entre as edições dos meses de novembro de 1874 e junho de 1875. Foi dedicado à João Cardoso de Menezes e Souza (1827-1915) que, como informa o periódico, era o então "presidente do Conservatório Dramático e altamente colocado na política do Império". (2)

Abrangendo 19 personagens denominadas e outras anônimas, Arycurana narra a trajetória da personagem título e a disputa pelo amor da encantadora índia tupinambá pelos jovens "guerreiros e valentes" Jukeriorana e Borapitinga, respectivamente, filhos dos caciques Seregipe e Muribeca. A disputa de ambos pela jovem provoca a rivalidade entre as aldeias indígenas que é interrompida pela invasão do território sergipano por tropas portuguesas comandadas pelo conquistador Cristóvão de Barros.

Narrado em terceira pessoa, à exceção do primeiro capítulo, onde o autor reserva comentários ufanos ao território brasileiro e elogiosos a política do Visconde do Rio Branco (1819-1880), o romance mistura personagens históricos com outros fictícios e remonta aos acontecimentos das "guerras de conquista" do território de Sergipe em fins do século XVI, além da conversão de índios ao catolicismo, por imposição do domínio português.

"Conquista de Sergipe" é o termo cunhado pela história oficial para denominar o que é, na verdade, uma série de extremas violências físicas e étnicas contra as populações nativas em terras sergipanas, a partir do uso de aprisionamentos, escravização e assassinatos dos povos indígenas, mas precisamente, com a chegada da expedição chefiada por Cristóvão de Barros em 1590.

O romance coloca em suas páginas essas violências, mas do mesmo modo que é colocado na historiografia oficial, o massacre de 1590 foi tratado como um processo essencial de integração do território sergipano e dos silvícolas no projeto de "progresso" e "civilização" nos moldes da colonização portuguesa. Isso fica claramente demonstrado no tratamento dado pelo autor, no capítulo VIII do romance, ao militar português Cristóvão de Barros, visto como "apaziguador", o homem responsável em estabelecer "a paz e a concórdia" entre os índios. Vejamos, como exemplo, estes trechos:

"Chegando em 1590 ao conhecimento do governo provisório as frequentes, ou antes, as contínuas desavenças e guerras em que viviam as tribos sergipanas entre si, deliberou-se Cristóvão de Barros a seguir para aquele sertão com o fim de apaziguar aquele povo selvagem." (...) "Cristóvão de Barros, vendo a heroica intrepidez daqueles filhos sublimes da natureza, não consentiu que se lhes disparasse um tiro ao menos. Nobre, generoso e magnânimo, admirava o valor daquele povo primitivo e, se o hostilizava, era profundamente constrangido e por não poder deixar de obedecer a imperiosa necessidade de incutir-lhe no espírito a ideia de um Deus verdadeiro e apontar-lhe por meio do Evangelho a estrada do progresso e da civilização." (3) e (4).

Os caciques indígenas Seregipe e Siriri, respectivamente, o tio e o pai da fictícia Arycurana, mesmo tratados com certa brandura pelo autor do romance e ganhando por este adjetivos como "heroicos e valentes tupinambás", na resistência ao fronte português, são vistos como "selvagens" e "hostis" na maioria da narrativa, assim como também outros indígenas históricos como os caciques Japarutuba, Pacatuba e, em especial, Muribeca, este último, transformado no grande vilão do romance. Em oposição ao tratamento dado ao colonizador português, vejamos como é descrito o tupinambá Muribeca pelo romancista:

"Muribeca, dotado de caráter covarde, traiçoeiro e invejoso, entretinha com Seregipe e Siriri relações aparentemente amistosas; aparentemente, porque na realidade era ele o mais encarniçado de ambos pela inveja que lhes tinha." (5).

Tomando os valores, significados e regras da sociedade de sua época como padrão para caracterizar e julgar as sociedades indígenas, o romancista Constantino Gomes vai além no etnocentrismo, principalmente na descrição e caracterização dos personagens nativos quando colocados em oposição aos personagens de origem portuguesa. Isso fica muito evidente no romance, ao descrever o sacerdote da religiosidade tupinambá (o pajé) em comparação ao da religião cristã (o frei). O primeiro é adjetivado por "charlatão" em diversas passagens do folhetim e também eivado de vilania em suas atitudes. O segundo, batizado por frei Gil e um "digno emulo de Anchieta", é nominado pelo autor por "virtuoso, sábio e venerando sacerdote". Após terminada a guerra e já mortos os caciques Seregipe, Siriri e Muribeca, a protagonista Arycurana, já convertida ao catolicismo, ao tentar convencer o amado primo Jukeriorana para seguir no mesmo caminho que ela, assim fala do Frei Gil:

"Frei Gil, o sacerdote dos emboabas é um virtuoso varão (...) porém a palavra de frei Gil é tão doce, o que ele diz entra tão fundo no coração da gente, que eu, Iramaiá e todos os nossos irmãos, em poucos dias, não queríamos ouvir senão a palavra do santo emboaba." (6).

O romance Arycurana não foge a regra dos classificados como indianistas. As figuras da heroína e do herói de Arycurana são corajosos, belos e valentes, possuem valores nobres e morais e são realizadores de grandes feitos, além de passarem por enormes provações de caráter. Existe à evasão temporal, pois remete período da origem da colonização do Brasil com franca apologia ao colonizador português. Poetiza o modo de vida dos gentios, construindo um retrato dos costumes e crenças desses povos, a partir do olhar "pesadamente ideológico" da interpretação do processo colonial da época do autor.

No que tange aos aspectos que classifica o romance como folhetim – além de aparecer no rodapé dos jornais, em fatias e capítulos seriados – , ele apresenta intriga simples, seus heróis e vilões são bastante tipificados, maniqueístas e há existência de velhas fórmulas repletas de constantes lutas, vinganças, ódios, ciúmes, expressões exageradas e estados febris.

Por fim, em meio a tudo ao que foi colocado aqui, pode-se dizer que o romance Arycurana, no caudal de folhetim histórico, gênero que segundo Marlyse Meyer foi *"aquele que para muitos de nós fez as vezes da verdadeira história"* (7), deve ser lido dado a imensa importância histórica-literária, sendo mais um representativo da geração de obras do romantismo brasileiro. Devemos também levar em conta, que Arycurana e o conjunto da obra de Constantino Gomes de Souza tem o mérito, para muitos, de ser a pedra fundamental da literatura entre os sergipanos (8). É fundamental que a leitura a esse e a outros romances de Constantino Gomes sejam resgatados na nossa história literária, para que possam ser devidamente lidos e estudados, além de continuar a entreter leitores, que era um dos propósitos originais dos nossos folhetins.

Notas:

- (1) *Diário do Rio de Janeiro*. Anno 67. n. 240. Rio de Janeiro, 05 de setembro de 1877. p. 1.
- (2) *Semana Illustrada*. Anno XIV, n. 727. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1874. p. 5810.
- (3) SOUZA, Constantino José Gomes de. Arycurana. In: *Semana Illustrada*. Anno XV. n. 739. Rio de Janeiro, 07 de fevereiro de 1875. p. 5906.
- (4) Ibid., In: *Semana Illustrada*. Anno XV, n. 740. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1875. p. 5918.
- (5) Ibid., In: *Semana Illustrada*. Anno XIV, n. 728. Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1874. p. 5819.
- (6) Ibid., In: *Semana Illustrada*. Anno XV, n. 756. Rio de Janeiro, 06 de junho de 1875. p. 5642-5643.
- (7) MEYER, Marlyse. *Folhetim, uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 67.
- (8) No fim do século XIX e início do XX essa foi uma opinião corrente entre intelectuais sergipanos, especialmente, Silvio Romero, Lima Júnior e Prado Sampaio. Sobre o assunto, Jackson da Silva Lima, em *História da Literatura Sergipana*, comenta que "a figura de Constantino Gomes é marcante sob todos os ângulos e sua obra é significativa", contudo, "não nos autoriza a vincular a ele o surgimento da literatura sergipana, (...) muito antes, há trabalhos poéticos de autores diversos, inéditos ou expressos em jornais." In: LIMA, Jackson da Silva. *História da Literatura Sergipana*. 2. ed. Aracaju/SE: Editora SEDUC, 2022. p. 49-50.

Referências bibliográficas

- A Semana Illustrada: história de uma inovação editorial*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade/RJ, 2007.
- ALVES, Francisco José. Uma notícia da era colonial: o massacre de soldados pelos índios de Sergipe. *Correio de Sergipe*. Aracaju, 21 de março de 2019.
- 1590: a "guerra de Sergipe". *Sergipe Mais*. Aracaju, maio de 2003. p. 16-17.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883. Vol. 2.
- BOSI, Alfredo. Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar. In: ----- *Dialética da colonização*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 176-193.
- FREIRE, Felisbela. *História de Sergipe*. 3. ed. Aracaju; São Cristóvão: IHGS/UFS, 2008.
- GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionário bio-bibliográfico sergipano*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Supplemento do Anno Biographico*. Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, 1880.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim, uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SILVA, Aracy Lopes da. *Índios*. São Paulo: Ática, 1988.
- SOUZA, Constantino José Gomes de. Arycurana. In: *Semana Illustrada*. Anno XIV-XV. Rio de Janeiro, 1874/1875.
- SOUZA, Moisés Santos. Gomes de Souza: um perfil biográfico e literário. *Jornal da Cidade*. Aracaju, 20 e 22 de janeiro de 2021.

*Professor. Graduado em História Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Texto publicado no *Jornal do Dia*. Aracaju/SE. 21 de novembro de 2023. p. 04.